

A FORMAÇÃO DOCENTE COM VISTAS ÀS PRÁTICAS INCLUSIVAS NA PERSPECTIVA DO TRABALHO COLABORATIVO

I Congresso Nacional de Práticas de Ensino na Educação Inclusiva, 1ª edição, de 01/08/2024 a 02/08/2024
ISBN dos Anais: 978-65-5465-106-6

WICTOR; Ana Carla Flissak Wictor¹, SANTOS; Andreia Henik dos Santos², SILVA; Sandra Salete de Camargo Silva³

RESUMO

Ao longo da caminhada das políticas públicas referente à Educação Inclusiva, percalços, lutas e desafios foram encontrados durante a trajetória. No cenário do Brasil contemporâneo pode-se afirmar segundo Herebero (2010, p. 193) que: “[...] é um fato recente, que poderíamos datar de 1988[...] com a intenção de incluir os alunos com deficiência na rede de ensino nas classes regulares [...]”, destacando-se quatro processos que ocorreram durante o percurso da educação especial, sendo eles: exclusão, segregação, integração e a atual caminhada na perspectiva da inclusão.

O presente estudo tem como questão problema: O trabalho colaborativo contribui para as práticas educativas inclusivas? Tendo por objetivo norteador da pesquisa: Compreender o trabalho colaborativo para auxiliar nas práticas pedagógicas no contexto da Educação Inclusiva. A metodologia utilizada é a pesquisa qualitativa com levantamento bibliográfico. Na fundamentação teórica para a presente pesquisa, são utilizados como base autores como Capellini; Heredero; Scavoni e Zaboroski.

Herebero (2010, p. 194) destaca como ocorria de forma incoerente, onde a lei indicava a importância da Educação Especial, porém não orientava a inclusão de pessoas com deficiência na Escola Comum.

No contexto Brasileiro atual as perspectivas de inclusão segundo Herebero (2010, p. 193), “[...] apareceram em forma de leis, decretos, documentos e hoje vem ganhando espaço[...]”. Afirma-se que muitas conquistas vêm ocorrendo durante este processo, bem como há muito que se concretizar. Entre as conquistas temos as práticas pedagógicas com vistas ao contexto da educação inclusiva, desenvolvendo um agir diário caminhando de encontro a um mesmo objetivo.

De forma que Capellini (2008) apresenta o trabalho colaborativo como um norteador, onde os professores do Ensino Comum juntamente com o professor de Educação Especial unem seus conhecimentos e capacidades a fim de buscar procedimentos de forma colaborativa para que contribuam para o aprendizado de todos os alunos. Nesse sentido Capellini (2008, p.10) também destaca que:

O trabalho colaborativo efetivo requer compromisso, apoio mútuo, respeito, flexibilidade e uma partilha dos saberes. Ninguém deveria considerar-se melhor que outros. Cada profissional envolvido pode aprender e beneficiar-se dos saberes dos demais e, com isso, o beneficiário maior será sempre o aluno.

Podemos analisar que, o trabalho colaborativo vem a auxiliar na criação de espaços de aprendizagens que atendam às necessidades de todos os alunos. Mendes, Pedroso, Silva e Costa (2023) destacam que “a construção de uma cultura inclusiva pressupõe uma ampla organização da escola”, por tal razão o papel dos profissionais e da Instituição no processo de inclusão é de extrema seriedade, pois são eles os quais irão direcionar a Educação Inclusiva dentro da Escola e assim progressivamente a mesma poderá se expandir as famílias, a comunidade e a sociedade.

Com vistas a este contexto que transcorre para uma educação inclusiva de qualidade Zaboroski (2017, p. 124) nos pontua que: “[...] ensino colaborativo consiste no fato de os professores trabalharem juntos, dividirem a responsabilidade de planejar, instruir e avaliar os procedimentos de ensino [...] e compartilhar objetivos, expectativas e frustrações no processo de ensino-

¹ UNESPAR, ana.wictor.unespar.t4@gmail.com

² UNESPAR, andrea.henik.unespar.t4@gmail.com

³ UNESPAR, sandra.salete@unespar.edu.br

aprendizagem[...]”. Consiste no pensar junto rumo a um mesmo objetivo, é planejar de forma a pressupor a tomada de decisão coletiva acerca da aprendizagem do aluno.

Porém nota-se que a prática diária no contexto educacional muitas das vezes não condiz com a teoria, assim necessitando de investimentos no quesito formação e atuação docente, com o intuito de um olhar para a educação inclusiva de qualidade. Deste modo, Herebero (2010, p. 197) assinala sobre educação inclusiva que ela “[...] requer mudanças nos processos de gestão, na formação de professores, nas metodologias educacionais, etc. com ações compartilhadas e práticas colaborativas que respondam às necessidades de todos [...]”.

Considerando a formação continuada como forma de mudança com vistas a educação inclusiva Capellini e Zerbato (2019, p. 61) pontuam que a formação continuada amplia, reconstrói, possibilita novas formas de ação ou reelaboração de novas práticas para que possam dar conta dos desafios diários, tendo o trabalho colaborativo também como um aliado nesta caminhada, assim não tendo somente o professor de sala comum como responsável pela educação inclusiva se tendo um suporte maior por meio do planejamento e da formação continuada. Bem como, compreende-se que a partir da Constituição de 1988, da LDB (Lei de Diretrizes e Bases de 1996) a Educação Inclusiva, vem adquirindo seu espaço através de muita luta, provocando assim grandes repercussões, seja na sociedade, como também no formato das escolas, as quais tinham até então um padrão tradicionalista bem intrínseco e precisavam passar por uma transformação consistente, seja no quesito físico, educacional ou a visão dos profissionais envolvidos, principalmente na formação dos professores. Assim Zaboroski (2017) ressalta que o primeiro pensar de formação se efetiva em 2001, pensando na formação em serviço advinda no momento de hora atividade, pode-se pensar no constante diálogo e acompanhamento por meio do trabalho colaborativo, sendo o planejamento a ferramenta de consolidação das práticas pedagógicas inclusivas com êxito.

Capellini e Zerbato (2019) analisam a formação continuada como um meio de estar correlacionando a teoria a exemplos práticos para o âmbito escolar, visando a articulação do que se busca/almeja diariamente com o que se transpassa de forma a anteceder esse contexto, é no transcorrer de uma formação continuada, visando um ensino de qualidade, com o viés do trabalho colaborativo que se caminha para com uma perspectiva das práticas/educação inclusiva.

Ainda destaca-se que a Formação Continuada é um diferencial crucial para o sistema educacional, pois é a mesma que irá capacitar os professores (as), a reconhecer e valorizar as diferenças de cada aluno em sua sala de aula, promovendo um ambiente de respeito, aceitação e valorização para com as especificidades de cada um.

Com isso Gatti (2008) afirma que professores (as) bem formados (as) são capazes de obter um olhar refinado frente às necessidades específicas de cada aluno. É na Formação que os professores (as) se mantêm atualizados sobre novas práticas e novas pesquisas na área, aumentando assim a eficácia das suas intervenções pedagógicas, sejam através de adaptações curriculares, diversificações de técnicas e alternativas pedagógicas.

Compreendendo a formação continuada na caminhada para com uma educação inclusiva com vistas ao trabalho colaborativo Capellini e Zerbato (2019, p. 73) afirmam que “[...] A formação baseada em práticas colaborativas é necessária e precisa ter prioridade [...] para os profissionais da educação. [...] fomentando a promoção de formação continuada que abordem o trabalho em colaboração [...] na educação inclusiva [...]”.

Nesse sentido consideramos que, professores (as) bem preparados (as) trabalham em cooperação com outros profissionais, criando estratégias integradas para o desenvolvimento do seu aluno (a). Assim sendo, a Formação Continuada é fundamental para que os professores estejam capacitados para exercer o trabalho colaborativo dentro das Escolas, visto que é então a partir dos conhecimentos adquiridos, que os profissionais envolvidos possam estar organizando estratégias, aperfeiçoando assim suas práticas inclusivas, preparando meios de atingir cada aluno, para que assim a potencialidade do aluno possa ser alcançada, com vistas à educação inclusiva de qualidade.

REFERÊNCIAS

¹ UNESPAR , ana.wictor.unespar.t4@gmail.com
² UNESPAR, andrea.henik.unespar.t4@gmail.com
³ UNESPAR , sandra.salete@unespar.edu.br

CAPELLINI, V. L. M. F. (org.). **Práticas educativas: ensino colaborativo**. Bauru: MEC/FC/SEE, 2008. (Práticas em educação especial e inclusiva).

CAPELLINI, V. L. M. F.; ZERBATO, A.P. **O que é o ensino colaborativo**. 1. ed. São Paulo: Editora Educon, 2019.

GATTI, B. A. **Análise das políticas públicas para formação continuada no Brasil, na última década**. Educar em revista, Curitiba, Brasil, v. 13 n. 37 jan./abr. 2008

HEREDERO, E.S. **A escola inclusiva e estratégias para fazer frente a ela: as adaptações curriculares**. Acta Scientiarum. Education. Maringá, v. 32, n. 2, p. 193-208, 2010. Disponível e m : <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/125135/ISSN2178-5198-2010-32-02-193-208.pdf?sequence=1&isAllowed=y> . Acesso em 08 de mai. 2024

MENDES, E. G. **Práticas inclusivas inovadoras no contexto da classe comum: dos especialismos às abordagens universalista**. Campos dos Goytacazes, RJ: Encontrografia Editora, 2023.

SCAVONI, M. P. P. **Representações sociais de professores sobre inclusão e o projeto político pedagógico: a escola em movimento**. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, 2016. 195fls. Disponível e m : https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/136268/scavoni_mpp_me_mar.pdf?sequence=3. Acesso em 10 de mai. 2024

ZABOROSKI, A. P. et al. **O ensino colaborativo e a formação permanente dos professores para o desenvolvimento da educação inclusiva**. Revista Diálogos e Perspectivas em Educação Especial, v.4, n. 1, p. 119-130, 2017. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/dialogoseperspectivas/article/view/7334>. Acesso em 10 de mai. de 2024.

PALAVRAS-CHAVE: Formação docente, Trabalho colaborativo, Práticas inclusivas